

# O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

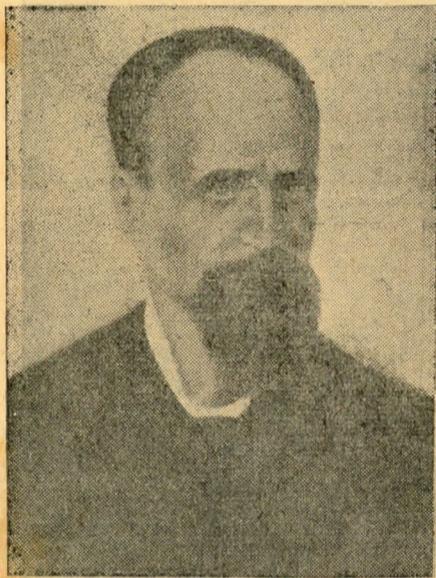
Jornal Regionalista — Por Castanheira-de-Pêra e Região

AVENÇA

ANO XI	Redacção, Administração e Oficinas: Castanheira-de-Pêra — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	PROPRIEDADE DAS Of. Grát. da Ribeira de Pêra, L. <sup>da</sup>	N.º 343
-----------	--	---	---	------------

## A nossa Indústria de Lanifícios

### A OBRA DE UM HERÓI



António Alves Bebiano  
Visconde de Castanheira-de-Pêra  
Nasceu em 1881 e faleceu em 1911

**C**ASTANHEIRA-DE-PÊRA, se conheces a história da tua vida, presta também homenagem a quem deves a vitalidade! Que eras? Quem te conhecia antes da ingente obra do Visconde? Eras uma aldeola desconhecida, aninhada nas faldas da serra. Sim, foi o impulso descomunal dado por ele que a animou e a tornou conhecida, mesmo no estrangeiro, como centro industrial. A' sombra da sua Obra — Obra de extrema projecção social — fizeram-se grandes casas.

Evocar o nome do Visconde é recordar, reviver, uma das fases mais importantes da vida castanheirense; é dar, por modelo de iniciativa e tenacidade, aos novos um homem a quem, sabe Deus, quanto a Ribeira de Pêra deve. E' pôr diante dos olhos, castanheirenses, o seu grande bemfeitor; é fazer ecoar na consciencia desse bom povo a voz da gratidão, até que o tempo dê lugar à Justiça — a erecção de um busto ao Visconde de Castanheira-de-Pêra!

Belarmino Soeiro

*A História revive, em tinta forte, o poder do Homem: Desde a farda flamejante dos exércitos, à camisa de xadrez da gente do mar; da ganga do operário que moureja; da chita da mulher que abarca mil mesteres; do riscado da criança que é lançada à roda do mundo, para lutar com o mundo, têm existido personagens de tal vigor e sacrificio, que interpretam a figura máxima do Heroísmo!*

— Não! Não!  
Repercutia-se pelos contrafortes da serra. O éco transportava na sua garganta potente, por cima dos espinhaços esgalgados das montanhas arrogantes:

— Não! Não!  
E a voz perpassou a terra e foi perder-se no mar.

— Não! Não!  
Protestava assim um jovem sonhador, que embalava nas suas fantasias — parecendo irrisório — o corpo inteiro da Realidade.

E o moço decidiu-se...  
A sua terra era linda. De manhã, maquilhava-se com o fortuíto baton da Natureza. A' tarde, enrubescia-se com o fogo do poente. O azul da ribeira, esbatido de verde, pelo reflexo das cabeleiras fartas do arvoredo, era, na verdade, encantador, hipnotizando a alma que, finalmente, não passa de ser escrava da Terra.

Mas tinha que ser! Aos 21 anos de idade, parar... Viver da paisagem... Querer amanhá-lo solo ingrato... Lutar, para ver crescer mirrada «novidade»?

— Não! Não!  
E o visionário, de armadura no espírito resolutivo, ergueu o braço direito, acenou o lenço da brancura da neve, talvez humedecido por lágrimas de legítima saudade, e soube partir como Português que dignifica o Trabalho e honra a Pátria!

///  
O Brasil foi, será sempre, o casulo doirado a fascinar a ambição lusitana. O mar, não fazia temer o sacrificio do amplexo a dar à Nação Irmã. E vai de partir... Roupas ageitadas, maleta com bom arrumo. Andar... Andar... — é o lema dos do Infante, que de Sagres apontou novos mundos.

E o moço do berço de Camões, em paragens de Santa Cruz, sem desperdiçar tempo, conforme as recomendações que da Pátria-Mãe

levava, avistou-se com o Comendador J. L. Baeta Neves que, sem detenções, o admitiu ao serviço do seu estabelecimento comercial. Não foi necessário muito tempo para que o beirão novato conquistasse a merecida estima e confiança daquele titular, a ponto de lhe confiar a orientação de negócios de grande responsabilidade. Tão bem se desempenhou das missões que lhe foram incumbidas que um dia, Baeta Neves, em conselho de família, resolve premiar a valiosa colaboração do castanheirense seu dedicado, dando-lhe a filha em casamento. Depois de ter constituído lar, com visão de maior raio de actividade, estabeleceu-se. Com rara hombridade, tenaz persistência, rectidão nos seus compromissos, ao fim de onze anos de porfiada labuta, conseguiu amealhar rasoáveis meios de fortuna — naquele tempo de avultada cifra.

Mas, a sua pátria não era aquela a que Pedro Alvares Cabral levára a Civilização.

Mantinha nas «meninas dos seus olhos» o torrão escaldado que lhe ouvira as primeiras falas, onde, de madrugada, ao farfalhar das folhas, a passarada chilrea num ensaio sinfónico de saudação ao Sol, ao galgar da raposa e da lebre que se divertem no cenário montanhoso, às escondidas, pela moitas.

Então... da mesma maneira resoluta como planeara a sua viagem de emigrante, decidiu o regresso a Portugal. E atingidos dezasseis anos de ausência o brioso castanheirense pisa, de novo, o sagrado solo da sua terra amada.

Os seus lábios deviam ter sentido a brasa daquele beijo que reanima, ao matar a saudade.

///  
Eis em execução o sonho que há muito lhe ocupava o pensamento audacioso.

Olhou o seu torrão. Perscrutou-

lhe os salientes espinhaços das mantanhas, e, talvez dissesse para si: — Não basta a gigantesca luzer do Sol para dar vida à Terra desajosa. E' necessário muito mais!..

Mirou, em investigação demorada, o caudal da Ribeira e calculou, matemáticamente, o poder das suas águas Retezou os braços e desafio de luta. Avançou, desprezando-se do impossível. Desprezando as inconveniencias de caminho escabrosos. Arregimentou homens e animais, fazendo-os escalar a serra, numa arremetida impetuosa dantesca, sobre-humana.

Tinha que tornar em realidade o seu sonho maravilhoso, custasse o que custasse.

Pensou construir fábricas, com chaminés arrogantes a proclamarem ao Céu o progresso terraque. Queria a Civilização em cham dentro dos muros da sua adorada Castanheira!

Pensou... Executou... Venceu

E do burgo isolado, quase desconhecido, sem acesso a centros de considerada importância; da sua terra intransitável, pejada de estradas e de casais achavascados do seu meio nú de recursos que aos natos garantisse sustento seguro, sem ser obrigado a demandar fronteiras, fez um ninho emplumado de trabalho, convidativo amorável, que aprendeu a acordar ao toque das «sereias» — qual sin de grandioso templo a convidar devoção.

Não o atemorizaram apedregadas lhadadas ladeiras. Cada carrada que transportasse os maquinismos para a consumação do seu sonho — Fábrica — mesmo que avançasse por dia, um côvado, representava para o brasileiro vara e meia de progresso... Esfregava as mãos de contente. E quando as juntas de bois arrancavam, dificilmente, pesada mas preciosa carga até mais saliente corcunda do terreno inacessível, saía do arcaboço do Castanheirense empreendedor, te-

A seguir: BAIIXAS NAS FILEIRAS?!

## BIBLIOGRAFIA

# “EÇA DE QUEIROZ”

## O ROMANCE DA SUA VIDA E DA SUA OBRA

Autor **GENTIL MARQUES**

Através da literatura portuguesa nenhum escritor foi tão lido e discutido como Eça de Queiroz. A sua prosa ora fluente, ora levada, soube tão bem cultivar o ridículo de todas as classes do nosso povo, como soube descrever com brilhantismo os quadros mais belos e possamos imaginar. «A Capital» confirma o primeiro caso. «Relíquia» atesta o segundo.

Pois bem, Eça de Queiroz cuja obra mereceu o interesse dos seus contemporâneos, tem o condão de continuar a merecer o dos da nossa época, e de crer que merecerá a dos vindouros, tão brilhante é o seu estilo, tanto espírito de observação ela contém, não tinha ainda uma biografia no nosso mercado livreiro.

Foi o escritor Gentil Marques, que o nosso grande público já conhece de «Mundo Perdido» a obra que deu ensejo ao filme «Três Dias Sem Deus» de Bárbara Virgínia, quem veio preencher essa lacuna, com a sua obra «Eça de Queiroz — o romance da sua vida e da sua obra».

Da vida e da obra de Eça, pouco era do conhecimento público, para esclarecimento dos leitores dos volumes queizoreanos.

Gentil Marques, depois de aturados estudos e pesquisas, conseguiu realizar essa obra, que em muito vem contribuir para um melhor conhecimento da personalidade de Eça de Queiroz e de sua obra.

Escrito num estilo elegante, o romance de Gentil Marques prende a atenção do leitor, do princípio ao fim, lendo-o de um folego.

A Empresa Romano Torres, de Lisboa, lançou esta obra no mercado livreiro, numa edição primorosa que é digna de figurar em qualquer estante ou biblioteca, constituindo um apreciável elemento de consulta sobre a obra queizoreana.

///

Heróis!...

Não são só aqueles que aprôam o mar na descoberta de horizontes desconhecidos... Não são só aqueles que se consomem nos laboratórios em experiências para prolongamento da vida humana... Não são aqueles que almejam a Liberdade, derramando sangue, calcando corpos...

Heróis!...

São também aqueles (tão poucos) que utilizam a inteligência pura, bem formada, em proveito da sociedade que carece de progresso e luz...

Heróis!...

São também aqueles (muito poucos) que manifestam o seu amor à Terra-Mãe, convertendo-a numa terra fecunda, a crescer de fartura, a doirar-se de riqueza, a alcançarem o prestígio, com as arcas abertas a ofertar Pão a todos!

///

Herói! Sim! Herói!

António Alves Bebiano, que não precisava do título de «visconde» para ultrapassar, com a sua superioridade, o nível de homens categorizados... é o HERÓI da Serra, que voou tão alto como as águias!

Este Beirão não se mostra atrás destas linhas que a alma goteja... António Alves Bebiano não se... em solitária placa dependurada a um canto de praça pública! Desçamos à Ribeira de Pêra.

Aí, sim!

E' aí que se distingue o HERÓI em toda a fortaleza do seu poder, sobre os Monumentos do Progresso, ao ruflar da Asa da Imortalidade!

Foi o escritor Gentil Marques, que o nosso grande público já conhece de «Mundo Perdido» a obra que deu ensejo ao filme «Três Dias Sem Deus» de Bárbara Virgínia, quem veio preencher essa lacuna, com a sua obra «Eça de Queiroz — o romance da sua vida e da sua obra».

Da vida e da obra de Eça, pouco era do conhecimento público, para esclarecimento dos leitores dos volumes queizoreanos.

Gentil Marques, depois de aturados estudos e pesquisas, conseguiu realizar essa obra, que em muito vem contribuir para um melhor conhecimento da personalidade de Eça de Queiroz e de sua obra.

Escrito num estilo elegante, o romance de Gentil Marques prende a atenção do leitor, do princípio ao fim, lendo-o de um folego.

A Empresa Romano Torres, de Lisboa, lançou esta obra no mercado livreiro, numa edição primorosa que é digna de figurar em qualquer estante ou biblioteca, constituindo um apreciável elemento de consulta sobre a obra queizoreana.

ANÍBAL ANJOS

*Nesta secção faremos referência a todos os livros de que nos sejam endereçados dois exemplares.*

### Dr. Fernando Lacerda

Director da 1ª Clínica de Oftalmologia do Dispensário Policlínico Central  
Ex-Assistente da Faculdade de Medicina (Instituto de Oftalmologia)  
Dr. GAMA PINTO

**Doenças dos olhos**  
**Operações**

Calçada do Carmo, 6, 1.º (Rossio)

Telefone: 2 2070

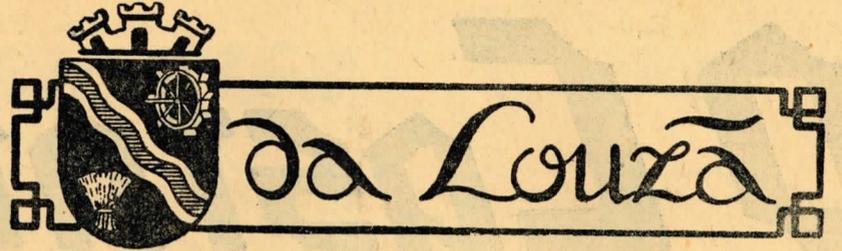
LISBOA

Consultas às 17 horas, menos às quintas-feiras

### «CORREIO DO SUL»

*Jornal de Faro (Algarve) dirigido pelo sr. Mário Lyster Franco, atingiu 28 anos de existencia, consagrada à defeza daquela próspera Província Portuguesa.*

*As nossas calorosas saudações, com votos de prosperidades.*



## Os festejos a S. Sebastião no Coentral

Sr. Director de «O Castanheirense»:

As minhas sinceras saudações.

A propósito das notícias do Coentral, insertas no jornal da sua muito digna direcção, de 10 do corrente, consinta-me por favor, que eu diga nele duas coisas sobre o assunto tratado pelo noticiarista, o nosso bom amigo sr. A. Barata, relativo ao bodo distribuído nos dias dos festejos a S. Sebastião.

Na verdade (lembro-me muito bem) vem de tempos imemoráveis tal usança. O bodo constituía parte integrante e forçada dos festejos, distribuído de tarde no Vidouro, ao som infernal da música das três figuras e dos bailaricos animados da mocidade local e dos arredores, num ambiente de alegria.

Já lá vão 63 anos — como o tempo passa! — que ali assisti, pela primeira vez, à alegre distribuição do bodo que constava de uma merendeira de pão de trigo; e este usó continuou normalmente nos mais anos, até que, agora, a tradicional merendeira de trigo foi substituída por uma laranja, como futuro ano poderá ser por uma malguinha de tremçoços.

Motivo?

Ordens superiores que não se discutem, e não devido às precárias circunstancias de abastecimentos, como o amigo A. Barata dá a entender, pois tivemos um bom ano cerealífero; do estrangeiro e das nossas colónias tem-nos vindo muita coisa, inclusivé trigo, não se falando nas importantes apreensões ao «mercado negro».

Mas seja como fôr, o facto da substituição, pensamos, não podia deixar de cair desagradavelmente no âmago do povo, habituado a um velho uso que vem já dos seus avoengos.

Mas nestes tempos enigmáticos, nada nos surpreende já. Os tempos que decorrem indecisos parece estarem mudados, devido, talvez, à bomba atómica; e até li já, num jornal, que, em virtude da abundante água que tem caído, os rios têm saído dos seus leitos e que a sua corrente se desenvolve com uma fôrça dinâmica tal que até têm morrido afogados muitos peixes, coitados! O que não acontecia noutros tempos...

Freixo (Louzã), 15 de Fevereiro de 1947.

BARATA DE MENDONÇA

Por lamentável descuido não publicamos no número especial de «O Castanheirense» o retrato deste nosso dedicado correspondente na vila da Louzã, o que fazemos hoje. Pedindo desculpa ao venerando Barata de Mendonça, apresentamo-lhe cumprimentos.

Barata de Mendonça

### Serviços de Imprensa e de Informação da Embaixada Britânica

Informa-nos de que chegou recentemente número avultado de publicações modernas tratando, entre outros, dos assuntos seguintes:

Educação, Urbanização, Reforma Penal, Empreendimentos Nacionais, Investigação Científica, Agricultura e Serviços Sociais.

Todas estas publicações estão ao dispor do público, para consulta e estudo, na Biblioteca daqueles Serviços, acima mencionados, na Rua de S. Domingos (à Lapa) 26. Também se encarregando de atender pedidos por escrito que lhes sejam dirigidos.

Lembramos que esta Repartição está ao dispor de todos os interessados para lhes fornecer as informações pormenorizadas ou técnicas de que possam precisar sobre todos os ramos dos assuntos contemporâneos.

### Aos nossos Ex. mos Assinantes do Concelho

Muito respeitosamente participamos aos nossos dignos Assinantes do Concelho de Castanheira-de-Pêra, de que brevemente enviaremos o nosso empregado à cobrança das assinaturas em atraso, para o que solicitamos o melhor acolhimento possível.

São do conhecimento dos nossos prezados subscritores os tremendos encargos que assoberbam a Pequena Imprensa, o que dificulta a nossa ingrata missão — muito mais agravada com o irregular cumprimento de muitos dos assinantes.

Até que o nosso cobrador execute a missão de que foi incumbido, agradecemos, antecipadamente, a liquidação, na Administração deste jornal, das assinaturas em débito, para nos serem evitados maiores encargos.

A todos, reforçamos o nosso obrigado.

## "O Castanheirense"

Obedecendo às normas da cortezia e aos princípios da leal camaradagem, agradece, profundamente sensibilizado, a todos os preclaros Colegas da Imprensa diária e periódica, as palavras de aprêço por si testemunhadas, ao decorrer o seu décimo ano de publicação. Também não pode deixar de manifestar-lhes o seu reconhecimento pelas lisongeiras apreciações tecidas ao seu número especial

Aos amáveis Anunciantes que acederam ao seu convite, honrando aquela edição com os réclamos da Indústria ou do Comércio que se desenvolvem sob a orientação das suas conceituadas firmas, os seus melhores protestos de gratidão.

Os colaboradores que emprestaram brilho inconfundível àquela publicação extraordinária, merecem de «O Castanheirense» a mais alta das considerações. E, finalmente, às entidades que o distinguiram com cumprimentos de felicitações; aos ilustres intelectuais que lhe dirigiram cartas recobertas de simpatia e de incitamento, as suas efusivas manifestações de estima.

## A Sapateira e o caminho público

No número extraordinário, comemorativo do X aniversário deste jornal publicamos prosa subordinada ao mesmo título, fazendo sentir a demora que tem revestido a solução do caso.

«Como não há tormenta sem bonança», regista o rifão, surge agora uma nesga de esperança aberta pela informação particular, cu: nos diz que a digna Câmara Municipal de Castanheira-de-Pêra, em sua sessão de 12 do corrente mês, determinou prestar justiça a quem a merece, nesta enfadonha questão do caminho público da Sapateira, que, desta vez será de novo aberto pelo mesmo local que há anos ocupa

Inclusivamente está a organizar-se naquele lugar uma comissão encarregada de colher importâncias, para de colaboração com a entidade em referencia proceder-se à abertura de uma estrada que ligará ao lugar da Estrada Nova, passando pela Sapateira até à freguesia do Bolo.

Este importante melhoramento vem beneficiar em grande escala aqueles povos, e pena é que não se se prossiga no seu prolongamento para atingir o seu término na localidade de Coentral Grande, passando, como já se aludiu, pelos lugares da Sapateira, Bolo, Pêra, Pisões, Sarnadas e Coentral Grande.

Seria de especial valor que as populações que compõem a parte Norte do Concelho, aproveitassem esta excelente oportunidade, para fazerem vingar uma ideia que já há muito devia ter sido executada.

c.

### «Comarca de Alcobaça»

Visitou-nos este bem redigido e apresentado sem anário de Alcobaça, inteligentemente dirigido pelo sr. José Domingues Trindade.

Agradecemos a gentileza.

## CORRANÇA

Comunicamos aos nossos estimados Assinantes de fora do Concelho que vamos, por estes dias, enviar para cobrança os recibos do 3.º e último quadrimestre do ano de 1946 p. p., bem como do 1.º quadrimestre do ano corrente.

Dadas as grandes dificuldades que presentemente atravessa a Imprensa Regional, o que é do conhecimento dos nossos considerados subscritores, vimos solicitar-lhes, encarecidamente, que tenham na melhor das considerações este nosso apelo, evitando-nos de se modo maiores despesas, que acarretam dificuldades de monta à organização dos nossos serviços.

A todos, desde já, nos confessamos muito reconhecidos pela atenção dispensada ao que deixamos escrito.

## Nova indústria

Pelos nossos amigos srs. Agostinho dos Santos e Abílio Alves Bebião e seu cunhado, sr. José Maria Baptista, técnico de malhas em Lisboa, vai ser constituída uma sociedade que girará sob a denominação de «Aliança de Malhas, Limitada», destinada à explorar o fabrico de malhas de estambre em obra.

Com esta iniciativa, lançada por espíritos empreendedores, fica o nosso já importante meio industrial com mais uma unidade a enriquecer a economia nacional.

«O Castanheirense» formula os mais sinceros desejos de prosperidade à novel firma.

### CATÁLOGO

Recebemos, da Editorial Domingos Barreira, do Porto. Serve ao professorado e sens alunos, por tratar de Quadros Murais de Zoologia (corpo humano), Botânica, Corografia e Geometria.

## O CARNAVAL DE 1947 NA VILA E CONCELHO

I I I I

Lá se foi, o Carnaval de 1947, com o seu manto esburacado de desiluzões, e outros irão passando, mais andrajosos e alquebrados, a caminho da fuma da inutilidade, das tradições com feição selvagem...

No entanto, no nosso meio, vibrou uma alegria pálida, aqui e ali salpicada de nota interessante. Os dias em que se viu um pouco do nada daquilo que se poderia ter visto, foram Domingo Gordo e Terça-feira de Entrudo, fazendo-nos recordar tempos idos, em que o nosso Carnaval era divertidíssimo — ou não fossem esses tempos os da velha Rita!...

A-pesar-da decadencia de espírito que vem fazendo demorada ronda nos quatro cantos do planeta que habitamos, talvez que em quadra futura o Entrudo rejuvenesça e volte às características da sua infancia...

Embora reduzidamente vamos passar à notícia que expresse o que foi essa quadra foliona em Castanheira de-Pêra e em partes do Concelho:

### RANCHOS, MAIS RANCHOS

Invadiram as principais artérias da Vila grupos bizarros, com o tentador sorriso das bocas lindas de raparigas em plena mocidade. Cada um fazia figurar a sua indumentária guarnecida a cores berrantes, acompanhado da sua «tocata» que obrigava as gargantas a desferirem marchas e canções, com letra apropriada à festa de Momo.

Em Castanheira organizou-se um rancho sob a direcção dos assinantes deste jornal, srs. Cipriano Duarte Rosinha, presidente; Albino Salvador Rosinha, organizador; José Henriques Corga, ensaiador, e José dos Santos Coelho, tesoureiro.

Este simpático conjunto era baptisado com o ingénio nome «Os Lacinhos», originando geral agrado a sua exibição.

Do lugar dos Moredos, visitou-nos a *embaixada* do conhecido Grupo Musical «Os Amigos», de que fazem parte os também nossos assinantes, srs. José Henriques Veras, Augino César e Albino Correia, que não deixou de interessar com a sua vivacidade e «môdinhas» à feição das horas que passavam.

A seguir, surgiram os ranchos da freguesia de Vilar, «Os Bigodes» e «Os Quarenta». Estes dois grupos souberam manter alegria e certa graça.

E a fechar, primando na sua apresentação, aparece-nos o rancho da Sapateira, do qual foi dedicado oritador o sr. Francklin, subscritor e amigo de «O Castanheirense».

### Dr Alfredo Correia Teles

Demorou se alguns dias nesta Vila, distinguindo-nos com a sua amável visita, o sr. Dr. Alfredo Correia Teles, digno Conservador do Registo Civil, em Monsão (Alto-Minho).

Sua Ex.<sup>a</sup>, com quem trocamos cumprimentos de despedida, partiu para Lisboa na última quarta-feira.

### BRINDE AOS NOSSOS LEITORES

A quem interessar o «Diário do Governo», qualquer número da I e II séries, a partir de Julho de 1946, remeta Esc. 2\$00 em selos do correio, para cada número, às letras R. M., Apartado 96 — Lisboa.

\*\*\*\*\*

### SEGUROS

Nas melhores Companhias Nacionais e Estrangeiras José Coelho Júnior — C.<sup>a</sup> de-Pêra

### À GUIA DE COMENTÁRIO

O que presenciamos, demonstra a incansável vontade, por parte de organizadores e de componentes, de não deixar passar à reforma esse secular Entrudo, que mesmo com reumático e a rapé, ainda conseguiu dar-nos um ar da sua graça...

Foi demonstrado que se não fossem muitos dos habitantes da nossa Vila e outros mais da parte Norte do Concelho, de que os lugares do Troviscal, Sarzedas, Moita, etc, nunca nos apresentariam coisa alguma, pois até à presente data ainda não apareceu a oportunidade de se constatar:

— Um daqueles povos levou a efeito, com mais ou menos brilho, esta ou aquela diversão!

E quanto a folguedos de carácter colectivo, dentro de Castanheira? Letra morta! Letra morta!

As colectividades da nossa terra — não negando a primazia às de plano superior — que são: C. A. T., Clube Castanheirense e Sport Lisboa e Castanheira-de-Pêra, como em sinal de sentimento pelas suas energias em desgaste... encerraram as portas à passagem do já pindérico senhor Carnaval!

Mocidade! Mocidade! Quem te viu... Quem te vê!!!

E' preciso que vós — gente nova castanheirense — acordeis do sonambulismo que vos manietta, para se voltar àquela fase de convivência respeitosa e alegre, tão frequente nos meios associativos das terras civilizadas.

Haja trabalho. Mas também distração.

## O TELEFONE

### em Coentral Grande

Depois da continuada luta temos mantido nestas colunas a montagem da rede telefónica Coentral Grande, surge-nos a notícia de vir já a caminho o material necessário para a realização da justíssima aspiração do povo daquela laboriosa localidade.

Neste andar é de crer muito em breve vejamos Coentral Grande gozar do direito que com toda a justiça lhe pertence.

### FALTA DE ESPAÇO

Esta constante praga força-nos a deixar para o próximo número circunstanciada referência ao movimento da actividade da Câmara Municipal de Castanheira-de-Pêra durante o ano de 1946.



## VIDA ASSOCIATIVA

## Orfeão do Porto

Esta gloriosa colectividade portuense que conta no seu seio os valores mais representativos do meio social da Cidade Invicta, acaba de viver horas de grande vibração associativa, por motivo de uma Assembleia Geral ali realizada.

A Assembleia, que funcionou sempre sob a presidência do distinto caudiceiro portuense sr. Dr. Martins de Almeida, secretariado pelos srs. Engenheiro Manuel de Oliveira Amen e José Augusto Peixoto, reuniu-se para apreciar o pedido de demissão colectiva de todos os seus Corpos Gerentes, Direcção, Conselho Fiscal e Mesa da Assembleia Geral, eleitos há poucos dias, por maioria esmagadora de associados. O pedido de demissão foi motivado por desmandos cometidos por alguns associados, no momento do Acto de Posse dos Corpos Gerentes. Esses associados, esquecidos, por momentos, do respeito que devem à colectividade e àqueles que a colocaram no pedestal em que se encontra, usaram de atitudes pouco próprias da sua categoria social, certamente por não terem recebido com a elegância necessária o resultado das eleições que os derrotou.

A Direcção viu-se, por isso, na contingência de solicitar o seu pedido de demissão — a que se solidarizaram os restantes Corpos Gerentes — por não considerar que o ambiente existente fôsse propício ao desenvolvimento de trabalho profícuo. Posto o assunto à apreciação da Assembleia Geral, esta, depois de duas sessões agitadas — que mostraram a vitalidade da massa associativa do Orfeão do Porto — resolveu não conceder a demissão pedida aos Corpos Gerentes, a quem manifestou a sua confiança, indiferente aos manejos de uma minoria momentaneamente transviada. Em vista desta magnífica prova de consideração associativa, a Direcção, e com ela o Conselho Fiscal e a Mesa da Assembleia Geral, resolveram retirar o pedido de demissão, continuando assim, e muito bem, a gerir os destinos do Orfeão do Porto.

A última sessão da Assembleia Geral realizou-se no passado dia 10 do corrente, e ela assistiu o proprietário deste jornal, sr. José Coelho Júnior, que há longos anos é associado do Orfeão do Porto.

Da «Ordem da Noite» constava a leitura e a aprovação das actas das anteriores Assembleias, nas quais tinha sido resolvido não conceder a demissão aos Corpos Gerentes. O luxuoso Salão Nobre do Orfeão do Porto, onde se realizam as Assembleias Gerais, regorgitava de associados. A-par-disso, a leitura da acta fez-se no meio do maior silêncio, sendo no final aprovada por unanimidade. Assim terminou, por entre o maior carinho associativo, um incidente que poderia ter graves consequências para a colectividade se o elenco directivo não demonstrasse a firmeza de carácter que todos os associados nele reconhecem.

Resta-nos acrescentar que a Direcção do Orfeão do Porto, composta toda por elementos de destaque social, é presidida pelo distinto clínico sr. Dr. Pimentel Tôrres, sendo Vice-Presidente o considerado comerciante e nosso particular amigo, sr. Alvaro

## TRAPOS

Para a Indústria de Lanifícios

## L. FARGE, LIMITADA

Rua do Frelxo. 1291 — PORTO

Telefones : Urbano 4494 e Estado 197 Enderêço telegráfico : EGRAF—Porto

*Casa especializada, estabelecida há 40 anos em Portugal e há mais de 100 anos em Espanha**Logo que o restabelecimento da normalidade o permita, voltaremos a apresentar à nossa clientela os escolhidos algodões indianos que forneciamos antes da guerra e tão apreciados foram sempre pela indústria de lanifícios nossa cliente*AGENTES ( José Coelho Júnior — Castanheira-de-Pêra  
António Pereira Pais Espiga — Covilhã

de Oliveira Bastos, sócio-gerente da bem conhecida Casa L. Farge, L.da. Que o ano decorrente traga muitas prosperidades ao Orfeão do Porto, são os nossos votos.

## Clube Castanheirense

Em 22 de Dezembro findo reuniu a Assembleia Geral para, em sessão ordinária, eleger os corpos gerentes para o corrente ano, ficando assim constituídos :

Assembleia Geral : Presidente, Dr. Avelino Duarte Santos ; Vice-presidente, Manuel Alves Ceppas ; Secretário, Armindo Fernandes.

Direcção : Presidente, Dr. José Fernandes de Carvalho ; Vice-presidente, José Ermida ; Tesoureiro, Abílio de Matos Raimundo ; Secretário, Filipe Rodrigues da Conceição.

Conselho Fiscal : Presidente, Dr. Ernesto Marreca David ; Vogais, Roberto Fernandes de Carvalho e Alberto da Encarnação Coelho.

## Casa da Comarca de Figueiró-dos-Vinhos

Corpos Gerentes para o ano de 1947, eleitos na Assembleia Geral de 16 de Dezembro de 1946 :

Assembleia Geral : Presidente, Dr. Eduardo Caetano Nunes ; Vice-presidente, Firmino Henriques de Campos ; 1.º Secretário, Antero de Carvalho ; 2.º Secretário, Francisco Barata ; Suplentes, Angelo Leitão e Armando Simões Cascas.

Direcção : Presidente, Mário Diniz Ferreira ; Vice-Presidente, Berthelino Simões da Silva ; 1.º Secretário, Adolfo Albuquerque Sequeira ; 2.º Secretário, Alvaro Francisco dos Reis ; Tesoureiro, Augusto Gomes da Costa ; 1.º Vogal, José Coelho das Neves ; 2.º Vogal, José Antunes Júnior ; Suplentes, Alberto Henriques Varandas e Alvaro Henriques dos Santos.

Conselho Fiscal : Presidente, José Martins Coimbra ; Secretário, Américo Martins Coimbra ; Relator, Paulino Martins ; Suplentes, Sebastião Alves, Joaquim M. Varandas e José Francisco dos Reis.

Conselho Regional : Castanheira-de-Pêra, Joaquim Mendes ; Coentral, Gustavo Lopes ; Figueiró-dos-Vinhos, Zilo Alves da Silva ; Campelo, Capitão José Simões ; Arega, João Fernandes Henriques ; Aguda,

Manuel Simões Godinho ; Pedrógão Grande, Albano T. dos Anjos ; Vila Facaia, José Nunes Marques ; Graça, António Fernandes David.

## Recreio Pedroguense

A nova Direcção desta colectividade de Pedrógão Grande, ficou assim constituída :

Direcção : Presidente, António Tomaz David ; Vice-Presidente, Eduardo David Roldão ; 1.º Secretário, Angelo Francisco Teixeira ; 2.º Secretário, António Termentina ; Tesoureiro, José Pires Coelho Andrade ; Bibliotecário, Alberto Henriques David.

Assembleia Geral : Presidente, Epifanio David Martins Júnior.

Conselho Fiscal : Presidente, António David Martins Carvalho ; Secretário, Francisco Eduardo Roldão Nunes ; Relator, Vasco Silva Motta Pinto.

## «Notícias de Gouveia»

Encetou o seu trigésimo quarto ano de publicação este nosso esclarecido colega que sob a competente direcção do sr. José Almeida Motta, defende os interesses da região.

O número comemorativo do aniversário insere boa colaboração e é impresso a duas cores.

Ao brilhante periódico, e a quantos nele trabalham desejamos muitas prosperidades.

## Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta Operações

Calçada do Carmo, 6, 1.º, D. (Rossio)

Telefone 22070

LISBOA

Consultas às 17 horas

## Pagamento de contribuição

Durante o corrente mês de Fevereiro, podem pagar-se ainda, acrescidas de juros de mora, as contribuições cujo vencimento teve lugar em Janeiro.

Os que não pagaram em Janeiro a primeira prestação da contribuição industrial e imposto profissional têm depagar toda a contribuição até fins de Março próximo, sob pena de relaxe pela totalidade.

## Automóveis

Aceito, para venda sem encargos para os seus proprietários

Facilito trocas

Armando da Costa

PRAÇA RODRIGUES LOBO

TELEFONE : 64

LEIRIA



Tribunal da Comarca  
de  
FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS

## Anúncio

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Faz-se saber que por este Tribunal, correm éditos de 60 dias, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando Alfredo Simões Correia, casado, ausente em parte incerta do Brasil, mas com o seu último domicílio conhecido no lugar do Coentral Grande, freguesia do Coentral, concelho de Castanheira-de-Pêra, desta comarca, como interessado nos autos de inventário entre maiores, a que se procede neste Tribunal por falecimento de Justino Simões, que foi do dito lugar do Coentral Grande, e em que é inventariante Maria dos Anjos, casada, doméstica, residente no mesmo lugar.

Figueiró-dos-Vinhos, 4 de Fevereiro de 1947.

O Chefe da Secção, interino,

a) Narciso da Conceição Santos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

a) Sanches da Gama



**Partidas e chegadas:**

**DR. BISSAYA BARRETO**

No dia de Carnaval esteve nesta vila, em casa de sua veneranda Mãe, Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Barreto Rosa, o eminente cientista Sr. Dr. Bissaya Barreto, nosso ilustre conterrâneo.

Em casa do nosso Ex.<sup>mo</sup> Amigo, Sr. Manuel Alves Ceppas, esteve acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Espôsa e filhinho, o nosso prezado assinante Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Campos, que depois de ter passado o Carnaval nesta Vila, partiu para o Porto.

— Também de visita a sua família cumprimentamos nesta o nosso Amigo Sr. Albino Luiz, digno chefe da estação dos CTT em Figueiró-dos-Vinhos.

— Nesta vila esteve de visita o sr. Marcolino Tomaz Lopes, comerciante na praça de Coimbra.

— No lugar de Pêra, em casa de seu pai, nosso amigo e assinante, sr. Francisco Simões, demorou-se alguns dias o nosso amigo sr. José F. Simões.

— Regressaram há dias de Lisboa os nossos particulares amigos, senhores Dr. Ernesto Marreca David e Manuel Tomaz Barahona, que ali se deslocaram, o primeiro a tratar de assuntos da Caixa Sindical, e o segundo em tratamento da saúde.

— Também regressou da Capital o nosso bom Amigo, sr. Aurélio Lopes Antunes, importante industrial de lanifícios no nosso meio.

— Com curta demora, esteve nesta vila, dando-nos o prazer da sua visita, o sr. António Alves Correia, comerciante no Porto.

— Cumprimentamos nesta vila os nossos amigos senhores Rui Paulo e Vasco Gama F. de Carvalho, estudantes, que aqui estiveram a passar a quadrada carnavalesca junto de suas famílias.

— A Tôrres Novas deslocou-se o nosso particular amigo sr. Pompeu R. Costa, sócio-gerente da firma Tomaz, Costa, & Irmão, L.d<sup>a</sup>, desta vila, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Espôsa, senhora D. Clotilde dos Santos Costa e de seu filhinho Fernando R. Costa, que ali foram de visita a seu pai, sr. António Gaspar dos Santos.

— No Troviscal estiveram, de visita a suas famílias, os nossos amigos srs. Ilídio Tomaz Henriques, sócio-gerente de A Vencedora Castrense, limitada, de Vizeu, e Gromelindo Rodrigues Costa, importante comerciante em Castro Daire, que se casiam acompanhado de suas Ex.<sup>mas</sup> Esposas. Estes cavalheiros deram-nos a honra de nos cumprimentar pessoalmente, pelo que nos confessamos mensalmente gratos.

— Em casa de seu pai, sr. Artur Coelho Antunes, nosso particular amigo e importante industrial de lanifícios, esteve a passar o Carnaval, seu filho, sr. Alcides Antunes Coelho, estudante.

— Esteve nesta vila a passar as férias do Carnaval, em casa de pai, o sr. Dr. António Mendes David, funcionário superior do Banco Pinto & Sotto Mayor, e editor do nosso prezado boletim «O Bemfica».

**MANUEL B. SALGUEIRO**

Com uma crise na apendicite tem tido bastante mal este nosso prezado amigo, importante industrial de lanifícios, que dentro em breve deve

# O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS: Quadrimestre 8\$40 Cobrança pelo correio mais 1\$00	PUBLICA-SE NOS DIAS 1, 10 e 20 DE CADA MÊS	ASSINATURAS Estrangeiro: ano 44\$70 Império Português: ano 37\$20
---	--	--

## Tarifas de fornecimento

DE

## ENERGIA ELÉCTRICA

Foram aprovadas por deliberação da Câmara Municipal de Castanheira-de-Pêra, em 19 do corrente mês, para terem aplicação a partir do consumo de Fevereiro de 1947, as seguintes tarifas de fornecimento de energia eléctrica:

### TARIFA DOMÉSTICA GERAL

Os primeiros 20 Kwts mensais . . . . .	cada Kwt . . . . .	2\$00
Os 20 Kwts seguintes . . . . .	» » . . . . .	1\$00
Os restantes . . . . .	» » . . . . .	\$64

(Mínimo de consumo mensal, 5 Kwts)

### TARIFA DOMÉSTICA ESPECIAL

Instalações económicas — máximo de 4 lampadas cada Kwt 1\$50

(Mínimo de consumo mensal, 5 Kwts)

### Tarifa de Força Motriz Industrial, Agrícola, ou para Elevação de Aguas

a) — Instalação cuja potencia seja igual ou inferior a 15 H. P. e a energia seja fornecida através de postes ou cabines de transformação do Município:

Os primeiros 100 Kwts mensais . . . . .	cada Kwt . . . . .	1\$00
Os 400 seguintes . . . . .	» » . . . . .	\$80
Os restantes . . . . .	» » . . . . .	\$70

b) — Instalações cuja potencia seja superior a 15 H. P. ou a energia seja transformada em postos ou cabines de transformação do próprio consumidor:

Os primeiros 1000 Kwts mensais . . . . .	cada Kwt . . . . .	\$70
Os 4000 Kwts seguintes . . . . .	» » . . . . .	\$66
Os restantes . . . . .	» » . . . . .	\$64

### Tarifas de Serviços Públicos e Outros

a) — Repartições Públicas, Corpos e Corporações Administrativas e Instituições de Beneficencia, Assistencia ou Instrução:

Os primeiros 20 Kwts mensais . . . . .	cada Kwt . . . . .	1\$20
Os restantes . . . . .	» » . . . . .	\$70

(Sem mínimo de consumo mensal)

b) — Igreja Matris — A tarifa doméstica geral, sem aplicação do consumo mínimo mensal.

### AVENÇAS

(Portaria n.º 10.319 de 19—1948)

Instalação com uma só lampada	3 Kwts . . . . .	6\$00
Instalações com duas lampadas	5 Kwts . . . . .	10\$00
Por cada lampada a mais . . . . .	1 Kwt . . . . .	2\$00

seguir para Coimbra afim de ser operado.

Ao sr. Manuel Barata Salgueiro desejamos prontas melhoras.

Segundo notícias que nos dão, tem passado melhor da operação a que se sujeitou o nosso amigo sr. João Vicente Antunes que, conforme noticiamos, foi a Coimbra para esse fim.

— Também já se encontra em via de completo restabelecimento, a senhora D. Maria Luz Andrezo, espôsa do sr. Manuel Andrezo.

— Também vem sentindo melhoras a senhora Ilda Conceição, em tratamento na Maternidade de Coimbra.

— Continua a passar mal de saúde o sr. António Coelho, operário fabril.

A todos deseja «O Castanheirense» rápido restabelecimento.

## A Emissora Nacional e «O Castanheirense»

Numa das suas últimas emissões a E. N. dispensou palavras elogiosas ao número especial, comemorativo do X aniversário de «O Castanheirense».

Encarando o alevantado papel da Imprensa, exaltou a sua nobilíssima missão, classificando o nosso jornal como um dos primeiros defensores da Causa Regionalista, incitando-o a prosseguir na sua honesta e brilhante carreira.

Sensibilizados, agradecemos as animadoras palavras da Emissora Nacional,

**Assinar** o nosso jornal é contribuir para o engrandecimento da sua Região.

## Sarzedas de São Pedro

### TELEFONES

Causou-nos grande satisfação ao termos conhecimento da louvável e importante iniciativa que os nossos assinantes e amigos, srs. Albano Antunes Morgado, industrial de lanifícios, e Mariano dos Reis, comerciante, tiveram, requisitando a montagem de teletones, respectivamente, em Sarzedas de São Pedro e no lugar da Ervideira, ou seja no início do Ramal das Sarzedas.

Além do alto benefício que esta montagem trará para o desenvolvimento industrial e comercial daquelas localidades, é também um importante melhoramento para o sul do nosso Concelho, tendo em vista a decadência da sua actividade.

Gestos desta ordem distinguem sobremaneira o espírito progressivo daqueles dois cidadãos.

### ELECTRIFICAÇÃO

Nos tempos que decorrem seria justo e oportuno que os povos da parte Sul deste Concelho se unissem, e fizessem sentir junto de quem de direito, que a elctricificação das terras onde vivem é uma necessidade de solução urgente.

Não bate certo que depois de existir a dois passos a rede condutora de energia eléctrica, Sarzedas de São Pedro, Moita, e outras, se conservem alumiadas por sistemas quase primitivos, sem que reajam para obterem, dentro do bom senso, da razão, do direito, aquela perfeita luz da civilização!

### MARCOS FONTENÁRIOS

Outro assunto que tem sido desprezado, a-pesar-de carecer da melhor das atenções.

Não haverá nas Sarzedas de São Pedro homens que olhem a sério para tal estado de coisas? — C.

### José Bebiano C. H. Silva

ADVOGADO  
—  
Castanheira-de-Pêra

A's segundas-feiras em FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS

## Perdeu-se

Caneta «Pelikan», gravada com o nome Armando dos Santos Cabral, policia de Viação e Trânsito.

Gratifica-se a quem a entregar na estação dos CTT, desta vila.

## A FECHAR..

Na água do mar encontra-se ouro na razão de 50 miligramas por metro cúbico. Se multiplicássemos esta quantidade pelo volume total das águas — 1330 milhões de quilómetros cúbicos — obteríamos um bloco tal que, dividido igualmente por dois mil e quinhentos milhões de habitantes da terra, caberia um lingote de 26.600 quilos a cada um.

Ø

Provérbio inglês:

«O tempo é dinheiro».

Provérbio americano:

«O tempo é o pano de que é feita a vida».